

O Desenvolvimento Urbano em Cuba: Reflexões a partir das Fotografias do Livro *Si Por Cuba*

Urban Development in Cuba: Reflections on the Photographs in the Book *Si Por Cuba*

Felipe Comitreⁱ

Instituto Federal do Paraná
Pinhais, Brasil

Amanda Montenegro Murakamiⁱⁱ

Instituto Federal do Paraná
Pinhais, Brasil

Melissa Latczuk de Santanaⁱⁱⁱ

Instituto Federal do Paraná
Pinhais, Brasil

Resumo: As cidades materializam, por meio de seus objetos construídos, as relações sociais que foram incorporadas em seu espaço em diferentes momentos históricos. O espaço urbano é, então, compreendido como fragmentado e articulado; reflexo e condição social; campo simbólico e de lutas. O artigo tem como objetivo interpretar as fotografias presentes no livro *Si Por Cuba*, de Tatiana Altberg, utilizando-se de modalidades de compreensão de imagem, com o intuito de refletir sobre o desenvolvimento urbano em Cuba e as transformações advindas nos períodos históricos denominados de colonial, neocolonial e revolucionário. Caracterizados, respectivamente, pela influência da Espanha, dos Estados Unidos e da Revolução Cubana de 1959. A metodologia se embasou na seleção e análise de cinco fotografias do livro de Altberg, por entender que as imagens contribuem no processo de significação da realidade, gerando estímulos para investigações sobre novos estudos voltados para a análise do espaço urbano.

Palavras-chave: Cuba; Espaço Urbano; Fotografia.

Abstract: Through constructed objects cities materialize social relations that were incorporated into their space at different points in time. Urban space is thus understood as fragmented and articulated; reflex and social condition; symbolic field and struggles. This article has the aim of interpreting the photographs present in Tatiana Altberg's

ⁱ Professor EBTT. Doutor UNESP/Rio Claro. felipe.comitre@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4036-4581>

ⁱⁱ Discente curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio. Membro integrante do projeto de pesquisa Reflexões sobre a Geografia Urbana. amanda.kami@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Discente curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio. Membro integrante do projeto de pesquisa Reflexões sobre a Geografia Urbana. santana.ara29@gmail.com

book *Si Por Cuba*, using image comprehension modalities in order to reflect on urban development in Cuba and transformations that occurred during the colonial, neocolonial and revolutionary periods. These periods were influenced, respectively, by Spain, the United States and the Cuban Revolution of 1959. The methodology was based on the selection and analysis of five photographs from Altberg's book, understanding that the images contribute to the process of attributing meaning to reality and so promote new studies focused on the analysis of urban space.

Keywords: Cuba; Urban Space; Photography.

Introdução

A compreensão das características contemporâneas do espaço urbano depende de uma análise que se direciona ao contexto histórico de sua formação, respaldando-se na reflexão sobre a influência dos principais agentes de reprodução do espaço em cada momento de sua evolução. Com base em Santos (2012), entende-se que as relações sociais são materializadas no espaço urbano, portanto, as cidades possuem características que são inerentes às particularidades das relações sociais pretéritas e presentes. Além disso, Carlos (2001) considera o espaço como condição para as relações sociais, ou seja, a existência dos objetos e das estruturas já construídas no espaço também interferem na reprodução da vida.

Conhecer a dinâmica urbana atual não é uma atividade simples, pois exige se pensar sobre os fatores que levaram as cidades a adquirirem os aspectos de infraestrutura e serviços que são disponibilizados hoje. Para isso, adotam-se diversas metodologias que possibilitam reconhecer os interesses que influenciam no desenvolvimento das cidades, especialmente as vontades dos agentes hegemônicos que afetam direta e indiretamente no planejamento urbano e, conseqüentemente, na reprodução do espaço.

Quando se faz uma análise das cidades inseridas no contexto capitalista, entende-se, na perspectiva de Corrêa (2001), como agentes hegemônicos o Estado e o mercado imobiliário. A atuação entre eles se aproxima, pois, recorrentemente, o Estado dá suporte para a reprodução do capital, o que confere a ampliação de cidades fragmentadas. A compreensão da fragmentação urbana é explicada por Corrêa (2001, p. 146), que a define como um mosaico urbano: “caracterizado pela justaposição de diferentes paisagens e usos da terra”.

Ao transferir a análise do espaço urbano para áreas influenciadas pelo modelo socialista, como é o caso das cidades cubanas pós-Revolução de 1959, entende-se que os agentes hegemônicos e os interesses destoam do paradigma capitalista. Isso porque as relações sociais são mediadas por diferentes estratégias, destacando-se a não relevância do mercado imobiliário devido à não existência da propriedade privada.

Propõe-se, então, analisar o processo de urbanização em Cuba, reconhecendo as transformações oriundas de seu desenvolvimento urbano, dando ênfase para a interpretação de fotografias que convergem para a análise das cidades em diferentes momentos históricos, destacando-se o período colonial e neocolonial, assim como as transições advindas da Revolução Cubana de 1959 e a gradativa abertura econômica destinada, principalmente, para a atividade turística a partir da década de 1990.

Para isso, será utilizada a categoria de análise de espaço proposta por Corrêa (2001) que o define como fragmentado e articulado; reflexo e condição social; campo simbólico e de lutas. Já a metodologia escolhida consiste na compreensão do espaço urbano cubano a partir da análise de fotografias presentes no livro *Si por Cuba*, de Tatiana Altberg, utilizando-se da proposta metodológica de compreensão da imagem de Rose (2001).

De acordo com Rose (2001), existem três modalidades para a compreensão da imagem: a tecnológica, embasada no aparato utilizado para projeção ou aprimoramento da visão natural; a composicional, associada às estratégias utilizadas para a criação das imagens, como cor, conteúdo e organização espacial; e a social, que condiz com as relações, instituições e práticas sociais, econômicas e políticas que compõem a imagem e influenciam na forma como ela é vista e usada.

A fotógrafa Tatiana Altberg percorreu, mais precisamente adotou o flunar¹, por algumas cidades de Cuba em 1999, como Havana, Santa Clara, Nuevitas, Pinar Del Rio e Trinidad, para demonstrar o cotidiano no país. O ensaio feito por Altberg coincide com o ano de comemoração dos 40 anos da Revolução Cubana, assim, as fotografias apresentam uma sensibilidade com relação aos aspectos culturais, simbólicos, sociais e econômicos que permeiam as relações desenvolvidas nas cidades.

Optou-se por escolher cinco fotografias que, para os autores do artigo, oportunizaram a reflexão sobre a realidade urbana em Cuba a partir do aspecto visual. A aproximação entre as imagens e a Geografia contou com o embasamento de Cosgrove que foi analisado por Corrêa (2011, p. 16):

As imagens são para Cosgrove textos a serem decodificados e não formas que transmitem mensagens direta e imediatamente apreensíveis. Todavia, ao mesmo tempo, as imagens são construídas pelo geógrafo que, a partir de sua visão de mundo, para a qual a imaginação desempenha papel crucial, constrói representações sobre um dado aspecto da realidade (CORRÊA, 2011, p. 16).

A escolha das fotografias não foi uma tarefa fácil, visto que o livro em sua plenitude, composto por quarenta e sete imagens, direciona-se para uma verdadeira incursão poética e política sobre as cidades, revelando as características inerentes ao cotidiano em Cuba. A escolha se deu, contudo, de acordo com a aproximação da ciência geográfica, isto é, optou-se pelas imagens que permitem uma maneira de se decodificar o espaço geográfico.

Moura (2018) explica que a fotografia pode ser uma fonte de conhecimento geográfico, isso porque apresenta uma dimensão espacial. Assim, “É um dispositivo que permite a interdisciplinaridade e novas abordagens sobre lugar e memória, imagem e território, paisagem e narrativa, entre outros diálogos” (MOURA, 2018, p.48).

É evidente que aspectos subjetivos permeiam a análise das fotografias, portanto, a intenção não foi a de hierarquizar ou classificar as imagens em de cunho geográfico ou não. A seleção das imagens teve o intuito de promover uma maneira de ver a realidade, assim como a ciência geográfica, pois como afirma Gomes (2017) a Geografia é também uma maneira de ver a realidade.

De acordo com Oliveira Jr (2011):

Como no mundo secular é a ideologia do real que gere/media nossos pensamentos, a foto participa do núcleo das práticas sociais que amparam nossa noção de realidade pautada na verdade dada pela visualidade alcançada pelos instrumentos, e, ao mesmo tempo, as mesmas fotos tornaram a realidade uma ficção, uma produção narrativa feita a partir de vestígios. A realidade passa a ser algo que é e não é a um só tempo (está e não está presente na fotografia, por exemplo). No limite, podemos dizer, como o fez Larrosa (1999) na citação que serve de epígrafe a este artigo, que a realidade está em discussão, é aquilo que está em pauta, que ela é fruto da política que partilha o sensível (Rancière, 2005), mediando e regulando a experiência sensível que temos do mundo (OLIVEIRA JR, 2011, p. 246).

O mesmo autor revela que “as fotografias participam da construção de nossa imaginação – da realidade – do mundo contemporâneo, educando-nos em nossas maneiras de pensá-lo e a nós mesmos frente a ele”. (OLIVEIRA JR, 2011, p. 245). A abordagem de Oliveira Jr (2011) permite afirmar que a fotografia se concretiza como real a partir da interpretação/imaginação humana, isto é, proporciona a significação da realidade.

Rose (2001), em estudo sobre pesquisas de materiais visuais, demonstra que o visual é um elemento relevante na construção cultural, nesse contexto, a fotografia adquire importância. Utilizando-se do ensinamento de Jay (1993), Rose (2001) faz uma análise sobre o ocularcentrismo, que se ascendeu na sociedade ocidental a partir da modernidade, estando presente também no período pós-moderno devido à maior interação da sociedade com as experiências visuais totalmente construídas.

A fotografia oportuniza as experiências visuais, sendo que alguns estudiosos da cultura visual, segundo Rose (2001, p. 11), “*are concerned not only with how images look, but how they are looked at*”. A reflexão se volta para além da própria imagem, direcionando para a interpretação dos indivíduos sobre determinada imagem, isto é, as maneiras de ver as fotografias.

Para Salgado (2014), a imagem consiste em uma linguagem universal, já que possibilita ser lida em diferentes contextos históricos e culturais. Deste modo, o autor afirma que a fotografia se torna um expoente na disseminação da imagem, revelando a sua importância para a compreensão de distintos fenômenos em diversas partes do globo.

A intenção no artigo é a de proporcionar a significação da realidade do espaço urbano cubano a partir da abordagem crítica para a interpretação de imagens visuais propostas por Rose (2001): i) que leva as imagens a sério, isto é, compreendendo que ela não pode ser reduzida ao seu contexto, mas que possui seus próprios efeitos; ii) pensa na condição social e nos efeitos dos objetos; iii) considera a sua própria maneira de ver as imagens.

Convergindo com a consideração da própria maneira de ver as imagens, propõe-se a nossa interpretação das fotos de Tatiana Altberg, visto que “a realidade é a imaginação gestada em nós pelo efeito de real que as sombras dele nos dão na imagem fotográfica” (OLIVEIRA JR, 2011, p. 248). Ou seja, não se busca reproduzir exclusivamente o pensamento que norteou a ação da fotógrafa que resultou na elaboração do livro *Si por Cuba*, mas o de se utilizar das fotografias como instrumento para a compreensão do espaço urbano a partir da utilização de referenciais teóricos e metodológicos próprios.

Procura-se focar na análise das relações que direcionaram a urbanização antes da revolução socialista, abordando sobre as materializações nas cidades associadas ao período, e nas transformações do modelo de se planejar as cidades a partir da Revolução Cubana, fator que conferiu novas formas de uso e ocupação do espaço. Para favorecer a organização das ideias, dividiu-se o artigo em dois capítulos que adotam análises respaldadas em dois recortes temporais propostos por Palet Rabaza (2015): o período colonial e neocolonial; a urbanização atual ou revolucionária.

A Fotografia como Possibilidade de Análise de Relações Pretéritas: o Período Colonial e Neocolonial em Cuba

A Figura 1 demonstra, visualmente, alguns aspectos específicos da urbanização em Cuba que remete ao período inicial de sua colonização, o que permite afirmar o espaço como reflexo das relações sociais.



Figura 1: Edificações na área central de Havana.
Foto: Tatiana Altberg (2005).

Ao buscar a interpretação da imagem por meio das modalidades propostas por Rose (2001), entende-se que o elemento composicional da fotografia, especialmente a organização espacial e a coloração utilizada, possibilita refletir sobre o aspecto social.

O enquadramento de baixo para cima busca valorizar o aspecto arquitetônico representado na imagem, logo, a ênfase se volta para o prédio com poucos pavimentos. Paralelamente às edificações baixas, subentende-se a existência de ruas estreitas, isso porque o automóvel ainda não era o principal meio de deslocamento e o adensamento populacional não era tão elevado em Havana Velha.

No período em que Cuba era uma colônia espanhola a cidade de Havana se estruturava mediante a tentativa de um isolamento físico, com o objetivo de proteção militar. Foram construídas as muralhas de *los Tres Reyes Magos del Morro* (1589-1630), a Fortaleza de *San Carlos de La Cabãna* (1763-1774) e o *Castillo de la Real Fuerza* (1558-1577), sendo que as principais relações de poder realizadas no período ocorriam nos intramuros da cidade. Contudo, as dinâmicas econômicas e sociais oriundas do comércio de açúcar na capital,

pautadas em constantes fluxos de navios e carroças, conferiram influências internacionais que superaram as barreiras construídas já no final do século XVIII (SILVEIRA, 2010).

As novas áreas de ocupação, que transcenderam as muralhas, adaptaram-se às necessidades das primeiras décadas do século XIX, Riverand (apud SILVEIRA, 2010, p. 141) “argumenta que desde 1830, a zona nova ‘atrai as construções de tipo moderno’, que ‘requerem grande espaço’ e seriam muito dispendiosas caso fossem feitas intramuros: a mediados del siglo, los hoteles, el teatro, las casas de bailes, están en ‘extramuros’”.

A diferenciação com relação aos tipos de edificações em Havana nesse período já constituía o processo inicial de fragmentação do espaço. Os modelos incorporados no passado ainda se materializam no presente, como se observa na Figura 1, a área de Havana Velha é dotada de edificações que se relacionam a um modelo de urbanização influenciado pela Espanha: ruas estreitas, moradias com até três pavimentos e porta principal com acesso direto à calçada. Já as áreas de seu entorno, de construção mais recente, apresentam as ruas mais largas e com edificações que conferem diferentes serviços, como cafés e teatros (SILVEIRA, 2010).

A formação de ruas mais largas e novas edificações remete à segunda metade do século XIX, momento em que se valorizou o conceito de cidade jardim. Nesse período, o processo de urbanização direcionou-se para o oeste de Havana, fator possibilitado pela divisão de antigas fazendas. De acordo com Scarpaci, Segre e Coyula (2002, apud Silveira, 2010, p. 142) “*for the first time in Cuba, streets were lined by trees in parterres [...] The Cerro upper-class type of dwelling – neoclassical detached villas – was transferred to this new, better-looking neighborhood fronting the sea*”.

A mudança na forma de ocupação do espaço urbano cubano pode ser explicada pela afirmação de Silveira (2010, p. 245): “Entre 1880 e 1920, a localização dos estabelecimentos comerciais se modifica, enquanto, no começo desse período, cerca de dois terços deles estavam em Havana Velha, quarenta anos depois acontecia o inverso”. A expansão urbana para os eixos oeste e sul ocasionaram um aumento da atuação do Estado em dotação de infraestrutura e serviços nessas áreas, conseqüentemente, houve um decréscimo dos investimentos no centro histórico.

A coloração da fotografia também contribui para a reflexão sobre as condições socioeconômicas presentes naquela paisagem. Silveira (2010) explica que as primeiras décadas do século XX coincidem com algumas importantes transformações urbanas no espaço urbano de Havana, destacando-se a subdivisão de edifícios no centro histórico, formando-se as *cuartería*, destinadas à população de baixa renda, e a implantação de bordéis. Verifica-se, assim, a transformação no uso do espaço que se tornou produto da conjuntura: declínio dos investimentos públicos e ocupação por uma nova classe social.

A mudança de ocupação do espaço em Havana Velha pode ser explicada pelo fenômeno que Corrêa (2001) define como invasão-sucessão. Isso ocorre quando um bairro, que é ocupado por determinada classe social, passa a ser “invadido” por habitantes de menor poder aquisitivo. “Inicia-se então a saída da população preexistente e a chegada de novo contingente, ou o processo de invasão-sucessão” (CORRÊA, 2001, p. 135).

É o que aconteceu em Havana nas primeiras décadas do século XX, já que o centro histórico, que continha a presença de serviços e da população de melhor poder aquisitivo, foi substituído, gradativamente, pela população mais pobre. Tal fenômeno demonstra

que as contradições socioeconômicas influenciam na forma de apropriação e reprodução do espaço urbano.

Ao mesmo tempo que o prédio da Figura 1 demonstra um processo de deterioração, sobretudo em seu aspecto estrutural, a sua presença revela o planejamento que se volta à manutenção do patrimônio histórico no centro de Havana. Nesse contexto, constata-se as relações, instituições e práticas econômicas, sociais e políticas que permeiam a fotografia, o que Rose (2001) define como modalidade social de compreensão das imagens.

A valorização do patrimônio histórico em Cuba, segundo Silveira (2010), faz parte de um modelo que ascendeu a partir da década de 1930, especialmente com a criação da *Oficina del Historiador de la Ciudad*, em 1938. Nesse contexto, o historiador Emilio Roig de Leuchsering teve um papel importante no levantamento de monumentos e patrimônios históricos, que o fez ser nomeado Historiador da Cidade de Havana.

Contudo, mesmo com a existência da *Oficina del Historiador de la Ciudad*, o paradigma de planejamento urbano incorporado no período neocolonial² foi norteador pelos ideais de demolição em prol da reprodução capital. Durante o período da ditadura de Fulgêncio Batista, assistiu-se ao avanço da influência do capital no processo de reprodução do espaço urbano. Destaca-se, nesse contexto, a implantação do Plano Diretor liderado por Sert, entre 1955 e 1958, que foi embasado pelo planejamento moderno e orientado pela Carta de Atenas.

Davidel e Yunda (2009, p. 123) descrevem sobre as transformações urbanas oriundas do Plano de Sert, explicando que *“In the seafront, an island of hotel, leisure and casinos, was proposed, following strictly the modern principles of separation of functions and car-based city”*. É possível fazer uma associação entre o plano de Sert e a afirmação de Marx de que *“tudo que é sólido desmancha no ar”*. Isso porque, segundo Silveira (2010, p. 152): *“Sert propunha a demolição do centro histórico e a construção de um complexo de hotéis, cassinos e shopping centers no seu lugar, pondo fim à visão do mar desde a murada do Malecón”*.

O objetivo de Sert consistia basicamente em transformar o espaço de acordo com as necessidades do capital, mais precisamente dos interesses do turismo que avançava na área central de Havana. Sanchez (2003) explica que as mudanças voltadas ao interesse do capital demonstram a sobreposição do valor de troca ou valor de uso e histórico do espaço urbano, o que resulta na perda da história das cidades.

O paradigma da demolição em prol da melhoria estrutural da cidade teve como principal expoente Haussmann, responsável pela transformação urbana de Paris no século XIX. De acordo com Benjamin (1985), Haussmann se autodenominava *“artista demolidor”*, visto que seu plano para a melhoria estrutural de Paris necessitava de demolições para a formação de uma rede de águas, para a melhoria das condições sanitárias e para a ampliação das vias para facilitação do deslocamento de pessoas e mercadorias.

O modelo haussmanniano influenciou, nas décadas seguintes, várias cidades espalhadas pelo mundo. Segundo Picon (2001, p.65-66), *“[...] as realizações dos engenheiros contribuem para a coerência desta nova Paris, que logo se tornará um modelo de referência urbanística maior, tanto na França como no exterior”*. Torna-se possível, portanto, fazer uma associação entre as mudanças ocorridas no espaço urbano parisiense, no século XIX, com as propostas de Sert para a Havana das primeiras décadas do século XX.

O modelo advindo do Plano Sert, entretanto, não foi capaz de acabar com o patrimônio histórico. Além das construções antigas que permaneceram no espaço urbano cubano, sobretudo em seu centro histórico, verifica-se a presença de tempos antigos e relações passadas por meio da presença dos idosos nas cidades, como pode ser observado na Figura 2.



Figura 2: As mãos de um idoso.
Foto: Tatiana Altberg (2005).

Os tempos passados se tornam visíveis em Cuba por meio da análise de seus objetos construídos e da estrutura etária de sua população. O aspecto antigo na Figura 2 é transmitido por meio das modalidades tecnológica e composicional da fotografia, destacando-se a coloração da imagem, a iluminação e o enquadramento da imagem.

O enquadramento adotado enfatiza o desgaste material e humano, que são representados, respectivamente, pelas ranhuras da madeira e pelas rugas na mão do idoso. Soma-se a tal elemento a coloração amarronzada da imagem, que contribui na transmissão da ideia de envelhecimento.

O caráter de envelhecimento populacional pode ser compreendido quando se analisa a estrutura etária em Cuba. De acordo com Arantes, Wong e Turra (2013), com base nos dados da Divisão de População da ONU, em 2010 a população idosa em Cuba representava 17,8% da total, sendo que a estimativa para 2025 é de 26% da população.

Se a explicação para a presença de patrimônios históricos se remete ao modelo de planejamento urbano adotado no país, que resistiu às transformações propostas pelo

Plano Sert, a grande quantidade de idosos pode ser explicada por meio das políticas públicas de saúde implantadas na ilha a partir da revolução socialista, destacando-se a elevada quantidade de médicos. De acordo com CIA World Factbook (INDEX MUNDI), em 2014 Cuba possuía 8 médicos a cada mil habitantes, valor muito alto quando comparado com a realidade brasileira que era de 2 no mesmo período.

Os avanços em indicadores sociais podem ser relacionados com as transformações políticas e econômicas advindas da Revolução Cubana, em 1959. Antes de analisar as principais mudanças, torna-se importante compreender os fatores que estimularam a revolução e o rompimento do paradigma vigente. De acordo com Gonzáles (1993 apud CHAO et al., 1998, p. 878): “Em 1956 a população da cidade de Havana era de 1,4 milhão de habitantes, estando já estruturada como uma grande cidade”.

Chao (1998) descreve que Havana possuía uma concentração nos atuais bairros de Habana Vieja, Centro Habana e 10 de Octubre. O centro de Havana passava por uma verticalização, paralelamente ao avanço do turismo, que foi impulsionado a partir da década de 1930, mas que não gerou melhorias nas condições de vida da população cubana.

Além disso, Davidel e Yunda (2009) explicam que as arrecadações vindas do comércio de açúcar se direcionavam majoritariamente para os Estados Unidos: aproximadamente 75% da receita do produto não ficava no país. Ademais, as condições sociais em Havana se encontravam péssimas, marcadas pelo desemprego e pela fome.

O avanço econômico de Cuba no período da ditadura de Fulgêncio Batista não resultou na melhoria das condições de vida da população. A junção entre problemas sociais e o descontentamento da população frente às atitudes do governo estimularam a implantação da revolução socialista no país. O que demonstra a concepção do espaço como campo de lutas, pois “o espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos” (CORRÊA, 2001, p. 151).

Busca-se, no próximo capítulo, analisar as mudanças de paradigmas no planejamento urbano cubano, especialmente na capital do país, tendo como estratégia a análise das fotografias de Altberg que remetem a tal período. Para isso, foi necessário compreender como a alteração do modelo econômico influenciou a reprodução do espaço em Havana.

As Mudanças do Planejamento Urbano a partir da Revolução Cubana: Novas Formas de Reprodução do Espaço

A transformação no modelo político-econômico, advinda da Revolução Cubana de 1959, influenciou diretamente as relações sociais e de produção. Conseqüentemente, novos agentes passaram a apresentar hegemonia na reprodução do espaço urbano, destacando-se a atuação do Estado sob a égide do socialismo.

A transformação das características urbanas, especialmente o declínio da propriedade privada, pode ser analisada a partir da observação da Figura 3.



Figura 3: A propriedade estatal.
Foto: Tatiana Altberg (2005).

Ao analisar a Figura 3 percebe-se a pequena distância entre a câmera e o objeto fotografado. Logo, o ângulo e a composição da imagem fornecem a sensação de aproximação com o objeto e, mais precisamente, com a sua mensagem. Ou seja, a imagem evidencia a categoria do espaço como campo simbólico, proposto por Corrêa (2001, 150-151), pois o espaço “[...] tem dimensões e significados variáveis segundo as diferentes classes e grupos etário, étnico etc.”.

Mais do que a compreensão, segundo Oliveira Jr (2011), a fotografia possibilita a construção de imaginação que pode conferir a significação para a realidade. Nesse caso, o foco da fotografia direcionado para a placa valoriza a mensagem transmitida. O que chama a atenção na imagem é que a sua organização espacial não se voltou para a tentativa de representar o imóvel como um todo, podendo relacionar tal estratégia com o enfraquecimento das identidades capitalistas típico dos períodos colonial e neocolonial, sobretudo a propriedade privada.

Carlos (2001) estabelece uma análise sobre a relação entre o valor de troca e o valor de uso da terra, afirmando que na cidade capitalista, que enfatiza os ideais mercadológicos, “[...] aprofunda-se a contradição entre valor de troca e valor de uso pela generalização da mercantilização do espaço da metrópole” (p. 136). A mensagem da Figura 3 é o oposto do que se estabelece como paradigma na cidade capitalista. A placa demonstra a transformação não só econômica, mas também cultural originada a partir da Revolução Cubana. O símbolo para tal transformação é Fidel Castro, sua imagem transcende a esfera política e econômica, enraizando-se também nas crenças e valores culturais do povo cubano.

A placa mostra a influência do líder revolucionário cubano Fidel Castro, que é considerado pelos cubanos um personagem que marcou fortemente o rumo do país a partir da década de 1950, contexto da Guerra Fria. Período em que Cuba foi influenciada territorialmente e politicamente pela União Soviética, principalmente após a adoção do embargo econômico dos Estados Unidos a Cuba em 1962.

Paralelamente ao aspecto simbólico, o espaço urbano cubano foi passando por transformações estruturais devido às novas condições econômicas, sociais e políticas. Com o intuito de atenuar o inchaço urbano em Havana, o planejamento buscou respeitar a interdependência entre o meio urbano e rural. Segundo Palet Rabaza (2015, p. 2), “[...] comienza la diferenciación interna del proceso, la vida urbana no se limita a las ciudades, se difunde a las áreas rurales y abarca a toda la sociedad en su conjunto”. Além disso, “[...] se implantó la nueva división política administrativa en 1976 que creo 13 capitales.

Davidel e Yunda (2009, p. 125) afirmam que “A large population was relocated in different parts of the city. Because of the egalitarian socialist system, shanty towns were gradually eradicated and social segregation was successfully diminished”. Portanto, o modelo político-econômico implantado após a revolução conseguiu romper ou atenuar os problemas sociais que haviam se ampliado durante a ditadura de Fulgêncio Batista.

A estatização das propriedades privadas garantiu as condições mínimas para a reprodução da vida para a população cubana, representadas pelo acesso a serviços e infraestrutura básica, exemplificados pela moradia, escolas, hospitais e alimentação.

A reapropriação do espaço urbano cubano a partir da implantação do socialismo pode ser interpretada a partir da Figura 4.



Figura 4: O menino e as construções degradadas no espaço urbano cubano.
Foto: Tatiana Altberg (2005).

A Figura 4 nos apresenta uma riqueza de detalhes que contribuem para a interpretação do espaço urbano cubano. Inicialmente, pode-se refletir sobre o enquadramento

da imagem por meio da perspectiva frontal. Tal escolha nos dá a sensação de estar participando do momento capturado pela fotografia, ou seja, possibilita a representação de vivência daquele contexto.

A organização espacial da imagem ao adotar o menino em primeiro plano remete à importância do social frente ao espaço urbano cubano, já que os prédios degradados se encontram em segundo plano. A coloração em preto em branco também estimula a relação entre passado e presente, primeiramente, por trazer uma associação com o passado e, posteriormente, pelo poder da cor preta que a imagem transmite, especialmente na figura do menino em primeiro plano.

A imagem consegue sintetizar o paradigma do espaço urbano em Cuba pós-revolução socialista: de um lado o abandono dos objetos construídos que evidencia a crise econômica que assola o país e impossibilita investimentos no desenvolvimento urbano; de outro a riqueza das relações humanas, isto é, a valorização da sociedade que, apesar das dificuldades relacionadas à economia, apresenta indicadores sociais que destoam da realidade do mundo subdesenvolvido, principalmente das demais nações da América Latina.

O espaço urbano representado na Figura 4 é ocupado por moradores que mantêm relações sociais entre si. Cada pessoa tem sua identidade própria e, a sua maneira, é um agente responsável pela modificação da cidade. Existe vida nas áreas da cidade, já que os indivíduos estão na rua para realização de suas atividades diárias essenciais para a reprodução da vida, como é o caso do lazer representado na imagem.

O poder da cor preta na imagem pode ser contextualizada como a força da população cubana, sobretudo a de matriz étnica africana, frente ao racismo ainda existente em Cuba e típico de sociedades que vivenciaram um período escravocrata. Entre o final do século XVII e o século XVIII Cuba recebeu muitos escravos para o trabalho forçado nas plantações de tabaco e café. Assim, ainda se constata estigma contra essa parcela da população, mesmo com alguns avanços advindos pós revolução socialista.

Pode-se destacar também a contraluz presente na imagem. A iluminação está presente no céu e nos prédios, ambos situados no horizonte, o que estimula a interpretação da crença no avanço das questões socioeconômicas, culturais e ambientais no país. O menino enxerga no horizonte a possibilidade de melhoria da qualidade de vida, fomentando reflexões que transcendem o aspecto do modelo socioeconômico.

Apesar das mudanças advindas da revolução socialista, percebe-se ainda a influência estadunidense no aspecto cultural em Cuba, sobretudo a paixão pelo beisebol. Sader (2006) argumenta que a difusão do beisebol em Cuba e no Caribe se associa ao imperialismo norte-americano durante as primeiras décadas do século XX.

A Figura 4 expõe a contradição relacionada ao beisebol em Cuba – país socialista no qual o esporte é relacionado ao desenvolvimento social – ao apresentar um menino vestido com luvas de beisebol, que possivelmente sonha em disputar a *Major League Baseball* (MLB) – liga de beisebol dos EUA. Ou seja, a revolução não apagou o contexto histórico de formação e desenvolvimento de Cuba, sendo que o espaço como reflexo das relações sociais revela as características que embasam a formação do povo cubano.

Tal contradição nas condições do esporte também pode ser transferida para a constatação do avanço do turismo em Cuba. A presença massiva de investimentos estrangei-

ros, especialmente na construção de hotéis, impõe novas formas de contradições urbanas representadas pela divergência entre o público e o privado.

Com o turismo, o espaço público e o privado adquirem características, paradoxalmente, distintas e próximas, visto que a atividade em atrair consumidores para o espaço estabelece um paradoxo em um país que adota o modelo econômico socialista. Tal contradição pode ser observada na Figura 5.

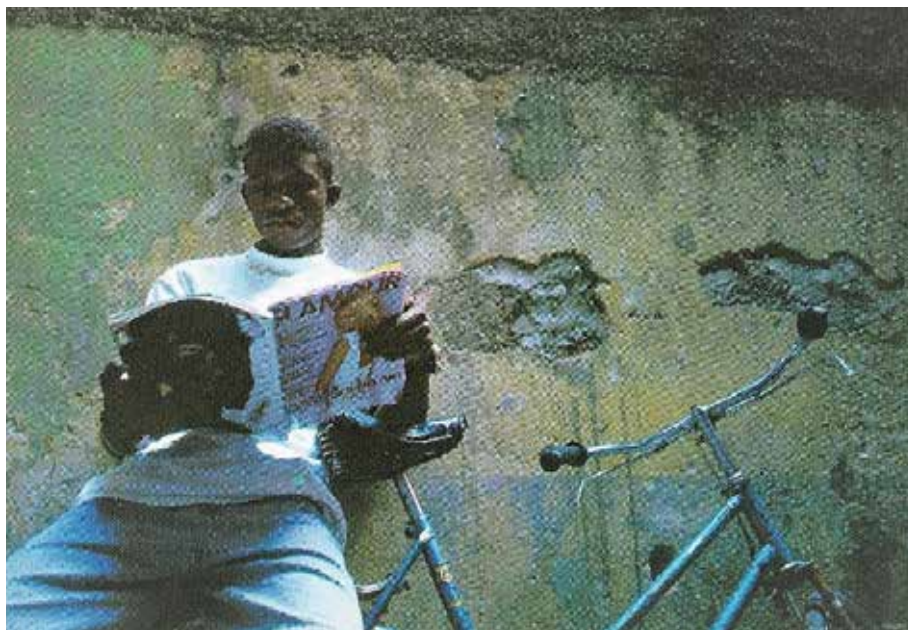


Figura 5: A paisagem da revista em contraste com o espaço urbano de Cuba.
Foto: Tatiana Altberg (2005).

Mesmo não demonstrando diretamente um objeto urbano relacionado ao turismo, é possível, por meio dos elementos presentes na Figura 5, refletir sobre a contradição entre o público e o privado em Cuba, tendo como foco a influência do turismo.

O ângulo escolhido para a imagem, de baixo para cima, possibilita realçar a capa da revista, denominada *Glamour*, frente aos demais elementos que se encontram deteriorados na foto. Paralelamente, percebe-se a diferenciação das cores na imagem, destacando-se a maior riqueza e as tonalidades mais fortes na revista, se comparadas com a parede e a bicicleta.

A relação entre a Figura 5 e o turismo em Cuba pode ser interpretada por duas vertentes: i) pensar como a revista estrangeira chegou até o cidadão cubano; ii) o poder da imagem para a atração de leitores da revista, assim como para a atração de novos consumidores, ou seja, os turistas para o espaço urbano.

É possível interpretar um estranhamento entre o mundo do cidadão cubano e o representado pela revista. O choque de culturas favorece a reflexão sobre o espaço urbano

como campo simbólico. Nesse contexto, o contato do turista que vive o capitalismo gera novidades na compreensão do mundo pelos cubanos que passam a acessar informações sobre outras realidades, seja por meio do diálogo, do acesso aos dólares ou por materiais visuais, como a revista demonstrada na imagem.

O turismo que trouxe a revista *Glamour* para Cuba também é responsável por transformar a reprodução de seu espaço urbano. Davidel e Yunda (2009) relatam que a atração turística de Cuba se associa a três fatores: o patrimônio histórico no centro histórico de Havana, as praias do Caribe e a curiosidade sobre o sistema socialista. Cada um desses fatores influencia nas formas de reprodução do espaço urbano, tornando-o produto e condição das relações sociais.

No caso do patrimônio existente no centro histórico de Havana, assiste à imposição de um modelo de planejamento que concentra investimentos no local em detrimento de outras áreas da cidade. Segundo Davidel e Yunda (2009, p. 126): "*Havana's built heritage, only Habana Vieja as a main touristic place has been totally rehabilitated, while the large architectural patrimony of the city is still in a state of decay. Lacking*".

A implantação de projetos de revitalização no centro histórico de Havana estimula o processo de transformação da cultura em mercadoria, típica do planejamento denominado de *city-marketing*. Corrêa e Rosendahl (2010, p. 8), com o respaldo do pensamento de Scott (2001), relatam que a produção econômica atualmente "caracteriza-se, cada vez mais, por traços culturais, enquanto a cultura torna-se progressivamente mercantilizada. Bens e serviços simbólicos são crescentemente produzidos e consumidos".

Em complemento com o processo de mercantilização da cultura, Silveira (2010, p. 151) defende que o centro histórico de Havana "[...] é também o produto de uma política urbana calcada na patrimonialização, que contribui para reposicioná-lo como espaço público e impacta a metrópole inteira, favorecendo a inserção dela em fluxos globais". Ou seja, a forma de se modelar a cidade passa a entrar em contradição com os ideais inerentes ao modelo econômico que ascendeu com a Revolução Cubana de 1959.

As praias do Caribe existentes em Cuba também fomentam o turismo e interferem na reprodução do espaço urbano. Mesmo se deslocando para um país socialista, o turista que quer conhecer as praias força a construção de equipamentos urbanos dotados de boa infraestrutura, especialmente os hotéis e *resorts*, o que gera problemas socioeconômicos e ambientais.

Remond-Roa, González-Perez e Navarro-Jurado (2015, p. 151) explicam que os hotéis construídos principalmente a partir da década de 1990 ocupam muitas terras, sendo muitas construções feitas em áreas de proteção ambiental. "*En consecuencia, los desarrollos turísticos más jóvenes 'privatizan' el uso del suelo en mayor medida que los más antiguos*".

A apropriação e privatização de áreas próximas ao mar tornam a riqueza natural do país um privilégio de quem pode pagar. Acentua-se, assim, a segregação socioespacial, a gentrificação e a especulação imobiliária.

Torna-se confuso elencar a especulação imobiliária como um problema em um país que desde 1959 aboliu a propriedade privada. Porém, existe a particularidade de atuação entre Estado e capital, especialmente no ramo hoteleiro internacional, que busca vantagens para a construção de novas edificações em prol da reprodução e acumulação do capital.

A segregação socioespacial, que se fez muito presente durante o período colonial e neocolonial, volta a sobressair em Cuba, agora no período revolucionário, devido à abertura econômica promovida pelo turismo. Mesmo usando o conceito para explicar a segregação socioespacial na cidade capitalista, a afirmação de Rodrigues (1988, p. 32) se encaixa na realidade atual em Cuba ao afirmar que “a cidade capitalista confere a cada um o ‘seu lugar’, visto que a configuração do urbano tende a reproduzir as classes do capitalismo”.

Especificamente em Cuba, é a relação entre espaço privado, destinado ao turismo, e espaço público, voltado aos seus habitantes, que confere a cada um o seu lugar. Ou seja, existe o espaço do turista e o do habitante, sendo estes totalmente distintos em quantidade e qualidade de infraestrutura e serviços urbanos. Consequentemente, forma-se o processo de gentrificação, explicado por Bidou-Zachariassen (2006) como o processo de expulsão das classes populares de determinados fragmentos urbanos via implantação de políticas pontuais no espaço.

Os turistas que se deslocam para Cuba com o intuito de conhecer o sistema socialista, importante fator de atratividade turística, contraditoriamente, contribuem para o enfraquecimento desse sistema econômico. A estrutura social em Cuba vai perdendo o caráter de igualdade, pois alguns indivíduos, ligados a atividade turística, passam a receber quantias em dólares, criando, assim, uma divisão de classes sociais. Davidel e Yunda (2009, p. 127) afirmam que “*The direct consequence is that the people who are selling goods and services for tourists have a direct access to dollars and therefore can afford better living standards*”.

Os mesmos autores também relatam que o turismo e a presença do dólar vêm ocasionando outros problemas urbanos em Cuba, destacando-se a prostituição, a lavagem de dinheiro e o aumento dos crimes. Ou seja, a solução econômica encontrada pelo governo cubano após o embargo econômico estadunidense e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, impacta direta e indiretamente em outros segmentos.

A relevância do turismo para o período contemporâneo de Cuba pode ser verificada quando se analisa a afirmação de Silveira (2010, p. 135): “[...] no ano em que visitei Havana pela primeira vez (2008) o país recebeu o número recorde de 2,8 milhões de turistas”.

Ao mesmo tempo que o turismo proporciona a chegada de capital para Cuba, assiste-se à transformação das relações sociais, econômicas, ambientais e culturais em um país que desde a Revolução Socialista pouco sofria com a atuação do capital para reprodução do espaço urbano, já que o agente hegemônico era quase exclusivamente o Estado.

Conclusão

A interpretação das fotografias selecionadas do livro *Si por Cuba*, de Tatiana Altberg, oportunizaram a reflexão sobre o processo de desenvolvimento urbano no país. Tornou-se possível, a partir da análise das fotografias, compreender os interesses sociais, econômicos, políticos e culturais que foram os responsáveis pelas transformações das cidades em distintos períodos históricos.

Destaca-se, nesse contexto, a utilização da metodologia visual para a compreensão do espaço urbano cubano. O embasamento por meio do uso das três modalidades para a compreensão da imagem, proposto por Rose (2001), estimula a aproximação entre

recursos visuais e a ciência geográfica em prol de novos estudos urbanos. Podendo proporcionar novas reflexões sobre as relações visíveis e ocultas que permeiam a formação e evolução das cidades.

Entende-se que a compreensão do desenvolvimento urbano pode ser estimulada pela metodologia visual somada a outras abordagens metodológicas, assim, buscou-se informações e análises sobre as cidades cubanas por meio de um levantamento e leitura de referenciais teóricos sobre o tema.

A intenção não foi a de elaborar uma releitura do espaço urbano cubano a partir da perspectiva de Altberg, já que se defende um abordagem crítica de interpretação de imagens que considera também a própria maneira de ver as fotografias. Nesse caso, a maneira de ver se direcionou ao estudo geográfico das cidades, buscando valorizar a riqueza de detalhes e elementos das fotografias com o objeto de estudo da Geografia, mais precisamente a relação entre espaço urbano e seus habitantes.

Entende-se que o espaço urbano é produto do acúmulo de diferentes momentos históricos, sendo que a riqueza de informações contidas nas fotografias de Altberg são úteis para se compreender sobre o passado e presente das cidades cubanas. Ainda mais, servem de suporte para se planejar o modelo de espaço urbano que se espera para o futuro. Para isso, deve-se valorizar a significação da realidade e estimular novas pesquisas e práticas que forneçam suporte teóricos para a reprodução de cidades que respeitem os direitos dos cidadãos, independentemente do modelo político-econômico adotado.

Referências Bibliográficas

ALTBERG, T. *Si por Cuba*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARANTES, R. C.; WONG, L. L. R; TURRA, C. O envelhecimento populacional e desafios demográficos de Cuba e Brasil: similaridades, diferenças e complementariedades. *Novedade en población*, n. 17. Enero-junio, p. 1-13, 2013.

BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. In: *Sociologia*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

CHAO, R. G. C.; ALMEIDA, T. I. R. de; BRANCO, F. C; TERUIYA, R. K.; SILVA, A. C. N. da; ARAÚJO, C. C. de; LIOTTE, S. V. Dinâmica urbana a partir de dados multitemporais e multisensores: o caso de Havana, Cuba. *Anais IX Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*, n. 1, p. 875-883, 1998.

CORRÊA, R. L. *Trajetórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 302 p.

_____. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. *Revista Espaço e Cultura*, n. 29, pp. 7-21. Rio de Janeiro, 2011.

- O Desenvolvimento Urbano em Cuba: Reflexões a partir das Fotografias do Livro *Si Por Cuba* _____; ROSENDAHL, Z. Economia, cultura e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Economia, cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 07-14.
- DAVIDEL, R; YUNDA, J. Havana: Space through tourism. *Gestion y Ambiente*, v. 12, n. 1, p. 119-130, 2009.
- GOMES, P. C. C. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- INDEX MUNDI. Densidade de médicos na América Central e na América do Sul. Dados estatísticos da CIA World Factbook. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/map/?t=0&v=2226&r=sa&l=pt>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- MOURA, R. de A. Uso da teoria da imagem fotográfica como contribuição metodológica de análise geográfica. *Espaço Aberto*, PPGG – UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 39-52, 2018.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Fotografias dizem do (nosso) mundo – educação visual no encarte Megacidades do jornal *O Estado de S. Paulo*. In: TONINI, I. M.; GOULART, L. B.; MARTINS, R. E. M. W.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). *O ensino da geografia e suas composições curriculares*, 1. ed, v. 1, p. 245-257. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- PALET RABAZA, M. *Particularidades del proceso de urbanización en Cuba*. Instituto de Geografía. Academia de Ciencias de Cuba. Observatório Geográfico da América Latina, 2015.
- PICON, A. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da Haussmannização. In: SALGUEIRO, H. A. *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 65-102.
- REMOND-ROA, R.; GONZÁLEZ-PÉREZ, J. M.; ILLES, D.; DE, E. N. U. Urbanización turística y ocupación del suelo en la península de Hicacos (Varadero, Cuba). Los espacios de uso público y privado. *EURE*, v. 41, p. 139-161, 2015.
- RODRIGUES, A. M. Na procura do lugar o encontro da identidade – Um estudo do processo de ocupação de terras: Osasco. 333 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.
- ROSE, G. *Visual methodologies*. Londres: SAGE Publications Ltd, 2001.
- SADER, E; JINKINGS, I.; NOBILE, R.; MARTINS, C. *Enciclopédia Latinoamericana*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SALGADO, S. *Da minha terra à Terra*. São Paulo: Paralela, 2014.

Felipe Comitre, Amanda Montenegro Murakami e Melissa Latczuk de Santana

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chepecó: Argos, 2003.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*, 4. ed., 7a reimpr. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVEIRA, A. R. M. DA. *Entre calles e eixos: práticas de patrimônio nas cidades de Brasília e de Havana*. 2010. 252f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília.

Recebido em: 17/06/2019 Aceito em: 11/10/2019

¹ Ao elaborar seus ensaios sobre a obra de Charles Baudilaire, Walter Benjamin enfatizou a figura do *flanêur*, personagem que observava os moradores e o cotidiano da cidade, como consequência adotava a *flanêurie*. De acordo com Massagli (2008, p. 55) “a *flanerie* é o ato de deliberadamente e descompromissadamente vagar pelo espaço urbano, em busca de detalhes escondidos ou imperceptíveis aos olhos mais apressados”.

² O período neocolonial em Cuba condiz com o período de 1902 a 1958, no qual o país se torna independente da Espanha, porém, passa a receber grande influência socioeconômica e política dos Estados Unidos (PALET RABAZA, 2015).